

Design e futuros possíveis: metodologia para cenários nas periferias cariocas

Design and possible futures: a methodology for scenarios in Rio's peripheries

Paola de Lima Vichy¹ 

RESUMO

O futuro é influenciado por transformações históricas, especialmente tecnológicas e sociais, destacando a importância de habilidades como empatia, criatividade e resiliência. A partir disso, este artigo propõe uma metodologia para a construção de cenários futuros nas periferias do Rio de Janeiro, com foco nas regiões de Praça Seca e Madureira. A metodologia foi desenvolvida a partir de uma revisão teórica sobre design prospectivo, entrevistas com o idealizador da ONG AMACE RJ e visitas à unidade da ONG em Praça Seca. O estudo envolve a colaboração de alunos de uma disciplina extensionista de Design e a participação ativa da comunidade local. A metodologia busca integrar o conhecimento acadêmico e a prática social, promovendo a cocriação de cenários baseados nas demandas locais. Ao envolver atores comunitários e acadêmicos, o estudo visou criar um futuro mais inclusivo e sustentável para as periferias urbanas.

Palavras-chave: Design prospectivo. Futurologia. Periferias. Rio de Janeiro.

ABSTRACT

The future is influenced by historical transformations, especially technological and social, highlighting the importance of skills such as empathy, creativity, and resilience. Building on this, this article proposes a methodology for constructing future scenarios in the peripheries of Rio de Janeiro, with a focus on the regions of Praça Seca and Madureira. The methodology was developed through a theoretical review of prospective design, interviews with the founder of the NGO AMACE RJ, and visits to the NGO's unit in Praça Seca. The study involves the collaboration of students from an extension Design course and the active participation of the local community. The methodology aims to integrate academic knowledge and social practice, promoting the co-creation of scenarios based on local demands. By involving community and academic actors, the study seeks to create a more inclusive and sustainable future for urban peripheries.

Keywords: Prospective design. Futurology. Peripheries. Rio de Janeiro.

¹Universidade Estácio de Sá – Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail: paolavichy@gmail.com
Recebido em: 27/09/2024. Aceito em: 18/12/2024

INTRODUÇÃO

O planejamento de cenários futuros tem se tornado uma ferramenta essencial para diversos campos, especialmente nas áreas de design, diante das crescentes incertezas que marcam as sociedades contemporâneas. No Brasil, as periferias urbanas são cenários emblemáticos dessas incertezas, uma vez que acumulam uma série de desafios sociais, econômicos e ambientais. As periferias, contudo, também são espaços de resistência, criação cultural e inovação social. No Rio de Janeiro, bairros como Praça Seca e Madureira, localizados na Zona Norte da cidade, exemplificam esse paradoxo, sendo, ao mesmo tempo, vítimas de marginalização e protagonistas de importantes movimentos culturais e comunitários.

O presente estudo buscou propor uma metodologia prospectiva de construção de cenários futuros para a periferia do Rio de Janeiro, com foco nas regiões de Praça Seca e Madureira. A metodologia foi desenvolvida com base em uma pesquisa teórica sobre design prospectivo e futurologia, em entrevistas com Renner Avillis, idealizador da ONG AMACE RJ, e em visitas à unidade da ONG em Praça Seca. A Associação Multi Arte Cultura e Esporte do Rio de Janeiro (AMACE RJ) é uma organização sem fins lucrativos que atua na promoção da arte, cultura e esportes como instrumentos de transformação social. Fundada em 2003, a ONG atende mais de 1 mil pessoas por ano, oferecendo cursos e atividades para pessoas de todas as idades e classes sociais.

Este artigo insere-se no campo do design prospectivo, que envolve o desenvolvimento de cenários futuros a partir da identificação de tendências, incertezas e forças motrizes, sempre com um olhar crítico para o presente. De acordo com Manzini (2015), o Design Social, uma vertente do Design Prospectivo, assume um papel estratégico na construção de futuros desejáveis para comunidades marginalizadas. Nessa perspectiva, o designer não é apenas um criador de objetos ou serviços, mas um mediador de processos de transformação social, capaz de articular conhecimentos multidisciplinares e aproximar atores diversos em prol de uma visão comum de futuro.

A proposta deste estudo envolve a colaboração entre alunos de uma disciplina extensionista de um curso de graduação em Design da cidade do Rio de Janeiro e a comunidade local, facilitada pela atuação da AMACE RJ. A participação ativa da comunidade é um ponto central, uma vez que é a partir das vivências, expectativas e necessidades locais que se deve construir a visão de futuro. Essa abordagem reforça a importância de um design centrado nas pessoas, como destacam autores como Margolin (2002) e Lima (2016), que veem o design como um instrumento para empoderar comunidades e promover a inclusão social.

A criação dessa metodologia é justificada pela necessidade de um olhar prospectivo para as periferias urbanas, nas quais as políticas públicas são muitas vezes reativas e pontuais. A proposta deste artigo é contribuir com uma abordagem mais estruturada e participativa, que envolva a comunidade e os alunos de Design como atores centrais na construção de um futuro mais inclusivo e sustentável. A metodologia foi elaborada com base em princípios do Design Social e na perspectiva de que o futuro não é um destino fixo, mas algo que pode ser moldado por ações conscientes no presente.

Além disso, ao integrar uma ONG com forte atuação local e uma instituição acadêmica, a proposta visou criar um diálogo entre o conhecimento teórico e a prática social, resultando em soluções que não apenas respondam às necessidades do mercado, mas que também promovam a transformação social. Como observa Abramo (2012), as periferias urbanas são espaços de resistência e inovação, onde surgem práticas alternativas que desafiam as lógicas excludentes das grandes cidades. Nesse sentido, a criação de cenários futuros para essas regiões não deve se limitar à extrapolação de tendências globais, e sim à valorização das singularidades locais.

METODOLOGIA

O método de pesquisa adotado neste trabalho segue uma abordagem qualitativa, exploratória e prospectiva, com foco na construção de cenários como ferramenta central para investigar futuros possíveis e identificar oportunidades e desafios na economia criativa das periferias do Rio de Janeiro. O uso de metodologias prospectivas, conhecidas como *foresight*, justifica-se pela necessidade de antecipar tendências e preparar estratégias adequadas para um contexto marcado por incertezas, rápidas transformações sociais e tecnológicas. Segundo a World Futures Studies Federation (WFSF), os estudos de futuros combinam arte e ciência, com ênfase na imaginação e na criatividade para conceber múltiplos futuros potenciais. Nesse sentido, a pesquisa busca mapear não apenas as possíveis trajetórias de desenvolvimento, mas também fornecer diretrizes metodológicas aplicáveis em outros cenários urbanos similares.

A escolha por um método qualitativo é sustentada pela natureza do objeto de estudo, que envolve a compreensão profunda de contextos sociais específicos e suas dinâmicas criativas. De acordo com Crispino (2001), a construção de cenários não visa apenas contemplar futuros possíveis, mas também funcionar como uma ferramenta prática para avaliar a adequação das políticas atuais e suas consequências. Além disso, o método prospectivo permite aprimorar a escolha de estratégias, ao antecipar riscos e revelar oportunidades que podem não ser percebidas por meio de análises puramente quantitativas ou descritivas.

A primeira fase da pesquisa consiste em uma revisão bibliográfica, voltada para a análise de conceitos de construção de cenários e sua aplicação em contextos criativos e sociais. Autores como Godet (1993) e Schwartz (1996) são fundamentais para o embasamento teórico da futurologia, enquanto Cross (2011) e Bonsiepe (2012) oferecem um entendimento mais amplo sobre o papel do design como agente transformador da sociedade. A literatura relacionada à economia criativa também é considerada essencial para contextualizar a importância do setor em regiões periféricas. Nessa etapa, foram investigados conceitos como o de “classe criativa”, proposto por Florida (2012), e a noção de “inovação nas periferias”, apresentada por Silva (2019), que mostram como áreas vulneráveis podem ser espaços férteis para a inovação e a transformação social. A revisão da literatura serviu como base para identificar metodologias que podem ser aplicadas na construção de cenários prospectivos no contexto da economia criativa nas periferias.

A segunda fase da pesquisa concentra-se em identificar um parceiro para auxiliar na construção dos cenários. Foi escolhida a ONG Amace, localizada no Rio de Janeiro. A Amace é uma associação sem fins lucrativos que desenvolve projetos em diversas áreas, como arte, cultura e esportes, incluindo atividades como circo, teatro, cinema, canto, dança, artes plásticas e esportes. A associação valoriza a formação integral, promovendo a autonomia, a pluralidade de ferramentas e uma atuação ética. Além disso, busca capacitar indivíduos para sua mobilidade social e para que atuem como agentes multiplicadores de cultura e transformação social. Com diversos projetos, seu modelo de atuação se alinha com a visão de que as periferias urbanas são verdadeiros laboratórios de inovação. Como exposto por Bonsiepe (2012), o design tem a capacidade de integrar ciência e tecnologia na vida cotidiana, promovendo soluções que impactam diretamente a qualidade de vida e a autonomia das comunidades. O trabalho da ONG ilustra isso ao combinar ações de design social com práticas sustentáveis e culturalmente relevantes para a realidade local.

Com base no estudo de caso da ONG Amace e nos conceitos e modelos metodológicos de construção de cenários, foi desenvolvida uma metodologia de prospecção de futuros focados nas realidades das periferias do Rio de Janeiro. A proposta metodológica inclui uma combinação de técnicas de previsão e ferramentas de design prospectivo, adaptadas para considerar as especialidades sociais, culturais e econômicas dessas áreas. O objetivo é fornecer uma base prática e teórica para que organizações possam desenvolver suas estratégias de inovação com base em futuros possíveis. Na metodologia proposta, destacam-se atividades de cocriação com a comunidade, em que diferentes atores locais (moradores, líderes comunitários, empreendedores e estudantes de design) são convidados a colaborar na construção de cenários futuros. Esse processo participativo, fundamentado em princípios de *design thinking*, é essencial para garantir que os projetos específicos reflitam as necessidades e aspirações da comunidade, ao mesmo tempo em que antecipam possíveis barreiras e oportunidades.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. Design prospectivo como inovação social

A sociedade contemporânea é caracterizada por rápidas e profundas transformações impulsionadas por avanços tecnológicos, mudanças culturais e reconfigurações econômicas. Nesse contexto, o conceito de Design Prospectivo surge como uma abordagem promissora para a construção de cenários futuros, especialmente quando aplicado em contextos sociais específicos, como as periferias urbanas. A construção de futuros, conforme argumentado por teóricos como Michel Godet (1993) e Peter Schwartz (1996), envolve a elaboração de cenários que não apenas antecipam possíveis desdobramentos, mas também preparam comunidades e organizações para enfrentar incertezas e mudanças. Godet (1993) enfatiza que o processo de prospecção deve ser visto como uma estratégia que permite mapear tendências e identificar relações de causa e efeito entre eventos, o que, em última instância, fomenta inovações sociais e tecnológicas.

Nesse sentido, a WFSF, uma das associações mais reconhecidas no campo dos estudos de futuros, define esse campo como uma combinação de arte e ciência, destacando a importância da imaginação e da criatividade para conceber futuros potenciais. Segundo a WFSF (s.d.), os estudos de futuros envolvem uma abordagem multidisciplinar, com o objetivo de entender as relações complexas que moldam os acontecimentos e, assim, promover inovações em diferentes âmbitos. Isso se alinha diretamente ao objetivo do design prospectivo, que busca não prever o futuro com exatidão, e sim construir visões plausíveis que ajudem a sociedade a lidar com incertezas e complexidades futuras.

Além disso, o Design é, por natureza, uma profissão transdisciplinar que utiliza a criatividade para resolver problemas e cocriar soluções. De acordo com a World Design Organization (WDO, 2018), o papel do designer não se limita à criação de objetos ou serviços, mas envolve também uma reflexão crítica sobre as atividades humanas e seus impactos sociais e tecnológicos. Cross (2011) reforça que o conhecimento e os valores dos designers são fundamentais para a construção do mundo artificial que habitamos, mas é igualmente crucial que os projetos de design levem em consideração as questões contextuais, tanto globais quanto locais. As estruturas sociais, econômicas e políticas influenciam diretamente a prática do design, tornando-o uma ferramenta valiosa para moldar futuros desejáveis e sustentáveis.

2. Economia Criativa nas periferias urbanas

No âmbito da Economia Criativa, o design prospectivo desempenha um papel fundamental ao integrar inovação e criatividade em setores vulneráveis, como as periferias urbanas. A economia criativa, conforme definida por John Howkins (2001), envolve indústrias que dependem da geração de valor a partir de ideias criativas, incluindo as artes, a mídia, o design e a tecnologia. Em áreas urbanas marginalizadas, como as periferias das grandes cidades, esse potencial criativo muitas vezes floresce em resposta a desafios sociais e econômicos. Richard Florida (2012) argumenta que a economia criativa pode atuar como uma alavanca de desenvolvimento em regiões subdesenvolvidas, desde que haja suporte para a formação de talentos locais e para a criação de infraestrutura adequada.

No caso das periferias urbanas, como as do Rio de Janeiro, existe um potencial criativo extraordinário que ainda não foi totalmente explorado. Estudos realizados por Silva (2019) revelam que, apesar da escassez de recursos, as comunidades dessas regiões têm gerado soluções inovadoras para problemas locais, estabelecendo-se como pólos de inovação social e cultural. Esse ambiente criativo se destaca como um verdadeiro “laboratório de inovação”, no qual novas formas de expressão cultural emergem e são adaptadas às necessidades e às condições locais. A conexão entre a criatividade das periferias e o mercado, entretanto, é ainda limitada, o que abre espaço para a aplicação de metodologias de design prospectivo que possam identificar oportunidades e desafios específicos nessas áreas.

A construção de cenários futuros em contextos vulneráveis requer uma abordagem que considere não apenas os desafios locais, mas também as tendências globais em áreas como tecnologia, demografia e geopolítica. Segundo Hamel e

Prahalad (1994), a futurologia é uma tarefa multidisciplinar que envolve a análise de mudanças, tendências e incertezas, com o objetivo de compreender as interações complexas entre diferentes fatores sociais. Tais autores destacam que a construção de cenários futuros não é uma tentativa de prever o futuro, e sim de criar uma visão informada e criativa sobre os caminhos que a sociedade pode seguir, permitindo que se tomem decisões mais assertivas no presente.

Outro aspecto importante da literatura sobre design prospectivo é o seu impacto social. Segundo Bonsiepe (2012), o Design desempenha uma função crucial na integração da ciência e da tecnologia à vida cotidiana, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. Para ele, o Design tem o potencial de atuar como um catalisador de mudanças, promovendo soluções que melhorem a qualidade de vida das pessoas e que respondam diretamente aos desafios enfrentados pelas comunidades marginalizadas. Isso reforça a importância do componente utópico no Design, como apontado por Bonsiepe, uma vez que apenas ao vislumbrar futuros ideais o Design pode estar profundamente enraizado nas necessidades sociais.

Manzini (2015) amplia essa discussão ao introduzir o conceito de Design para inovação social, que envolve a cocriação de soluções junto às comunidades locais, permitindo que o design seja uma ferramenta de transformação social. Segundo Manzini, o design deve ser participativo e centrado no usuário, criando soluções que sejam tanto sustentáveis quanto socialmente justas. Essa abordagem é particularmente relevante nas periferias urbanas, nas quais a inovação surge muitas vezes da necessidade e das condições adversas. O Design pode, assim, fornecer ferramentas para que essas comunidades criem seus próprios futuros, a partir de uma compreensão profunda de suas realidades locais.

No entanto, a literatura sobre o impacto social do Design ainda apresenta lacunas significativas, especialmente no que diz respeito à integração de metodologias de design prospectivo em projetos voltados para áreas de baixa renda. Embora o potencial criativo das periferias seja amplamente reconhecido, ainda há poucos estudos que explorem como o design prospectivo pode ser utilizado para estruturar e explorar esse processo criativo de forma sistemática. Além disso, faltam diretrizes práticas e mercadológicas que orientem a aplicação dessas metodologias em contextos específicos, como as periferias do Rio de Janeiro.

A pesquisa em andamento busca preencher essas lacunas, ao desenvolver diretrizes metodológicas que possam ser aplicadas em projetos de design voltados para a construção de cenários futuros em periferias cariocas. O estudo propõe uma abordagem que combina as ferramentas da futurologia, como análise de tendências e *foresight*, com as necessidades locais, para promover um desenvolvimento mais inclusivo e sustentável nessas regiões. A integração de ONGs e iniciativas comunitárias no processo é fundamental para garantir que as soluções propostas estejam profundamente alinhadas às realidades locais e possam ter um impacto duradouro.

Por fim, ao conectar a criatividade emergente das periferias à economia criativa e ao design prospectivo, a pesquisa visa não apenas identificar oportunidades e desafios futuros, mas também promover a inclusão social e econômica dessas comunidades no cenário global.

3. Conceitos sobre Futurologia

Segundo a WFSF, uma das principais instituições acadêmicas nesse campo, os estudos de futuros podem ser definidos como uma disciplina científica que combina arte e ciência. O foco é estimular a imaginação e a criatividade para explorar futuros potenciais, elucidando as relações de causa e efeito que moldam esses futuros. A WFSF destaca ainda a importância de inovações sociais e tecnológicas que emergem a partir desse processo reflexivo. Conforme Polacinski, Schenatto e de Abreu (2009), no entanto, as primeiras abordagens sobre o futuro estavam ligadas à magia e à adivinhação. Apenas com o desenvolvimento da sociologia, principalmente no século XX, os estudos de futuros começaram a ganhar corpo como um campo científico, com métodos mais rigorosos e focados na análise de mudanças sociais e tecnológicas.

O artigo de Kristóf e Nováky (2023) oferece uma revisão histórica detalhada do desenvolvimento dos estudos de futuros ao longo do último século. De acordo com sua análise, a disciplina começou a se consolidar após a Primeira Guerra Mundial, com o surgimento de sistemas de planejamento nacional em países capitalistas e a influência de instituições como a RAND Corporation. Nos anos 1960 e 1970, a criação de revistas acadêmicas, federações internacionais e sociedades profissionais ajudou a legitimar o campo, que passou a expandir seu foco para questões sociais e transições pós-industriais. Já nas décadas seguintes, houve uma maturação da disciplina, com o refinamento de métodos de previsão e a introdução de novas ferramentas de modelagem global, especialmente após a crise do petróleo de 1973.

Ao longo dos anos 1990 e 2000, os estudos de futuros passaram a abordar de forma mais intensa os desafios globais, como a transição para o neoliberalismo, o avanço das tecnologias e as questões ambientais. O Projeto Millennium, lançado em 1996, foi um marco importante nesse contexto, oferecendo uma plataforma global para a compreensão de futuros complexos e colaborativos. Nesse período, diversas universidades começaram a incorporar a disciplina em seus programas acadêmicos, consolidando ainda mais a institucionalização do campo. Nos anos 2010, as crises econômicas globais e a pandemia de Covid-19 estimularam uma maior ênfase em previsões práticas voltadas para os negócios, enquanto temas como a sustentabilidade ganharam relevância dentro das discussões sobre o futuro.

No Brasil, a construção de cenários futuros ganhou destaque na década de 1980, especialmente entre empresas estatais como a Petrobras e a Eletrobrás, que precisavam planejar a longo prazo. Na esfera acadêmica, autores como Hélio Jaguaribe e instituições como o BNDES desempenharam papéis importantes na difusão dessas práticas. Embora inicialmente essas iniciativas fossem limitadas ao contexto empresarial, nos últimos anos houve maior difusão das técnicas de cenários dentro de ambientes acadêmicos e em consultorias especializadas. O trabalho de Buarque (2003) e outras publicações acadêmicas sobre prospecção de futuros foram fundamentais para ampliar a utilização dessas ferramentas, principalmente no contexto de planejamento de políticas públicas e estratégias empresariais.

Em termos conceituais, a literatura identifica uma série de expressões relacionadas aos estudos de futuros, como “*foresight*”, “*futures literacy*”, “*futures thinking*” e “antecipação”. Cada um desses termos oferece uma perspectiva ligeiramente diferente sobre como pensar e se preparar para o futuro. Além disso, a quantidade de ONGs, institutos e laboratórios voltados para o estudo de tendências e cenários futuros é vasta, tanto no cenário internacional quanto no Brasil. O Instituto para o Futuro, o Copenhagen Institute for Futures Studies e o Global Futures Intelligence System são exemplos de instituições internacionais que oferecem suporte e *insights* sobre mudanças tecnológicas e sociais. No Brasil, iniciativas como o Lab de Tendências da Casa Firjan são referência na antecipação de temas impactantes para empresas e indústrias.

Peter Bishop e Andrew Hines (2012), uns dos principais especialistas em planejamento de longo prazo, destacam cinco pontos fundamentais dentro dos estudos de futuros: a interdisciplinaridade, a antecipação de cenários futuros, a identificação de tendências e desafios, o desenvolvimento de estratégias para lidar com incertezas e o horizonte temporal variável. Esses aspectos são cruciais para a construção de cenários e refletem a natureza dinâmica e abrangente dos estudos de futuros. Para Hamel e Prahalad (1994), a futurologia não é sobre prever o futuro, e sim construir uma visão baseada em uma compreensão profunda das tendências em estilos de vida, tecnologia e geopolítica, com um componente essencial de imaginação.

No contexto brasileiro, o trabalho de futuristas como Lala Deheinzelin traz uma perspectiva otimista e criativa sobre o futuro. Em sua obra *Desejável Mundo Novo* (2012), a autora destaca que a maneira como enxergamos o futuro influencia sua criação. Ela argumenta que os sonhos e as inspirações do passado moldaram a realidade presente, e que as escolhas que fazemos hoje desenharão o mundo de amanhã. Sua visão contrasta com as imagens distópicas do futuro frequentemente retratadas na cultura de massa, oferecendo uma perspectiva mais positiva e realista, que se alinha com o objetivo deste trabalho de construir cenários futuros para as periferias urbanas.

Por fim, a compreensão da história dos estudos de futuros, aliada aos conceitos-chave discutidos por autores como Bishop, Harari e Deheinzelin, oferece uma base sólida para a construção de cenários no contexto da periferia do Rio de Janeiro. Ao integrar esses conceitos com metodologias participativas e colaborativas, este artigo buscou não apenas explorar os desafios futuros, mas também contribuir para a construção de um futuro mais inclusivo e sustentável.

DESENVOLVIMENTO

Atores envolvidos

A construção de cenários prospectivos para as periferias do Rio de Janeiro requer a participação ativa de diferentes atores, especialmente aqueles capazes de combinar conhecimento acadêmico, vivência prática e sensibilidade social. Nesse contexto, destaca-se a importância de envolver alunos de Design da graduação na cidade

do Rio de Janeiro, especificamente de uma disciplina extensionista. Esses alunos não apenas ampliam suas capacidades criativas e metodológicas, mas também atuam como cocriadores ao lado da comunidade, promovendo uma abordagem interdisciplinar essencial para a formulação de cenários futuros.

A inclusão dos alunos no processo é especialmente valiosa pela diversidade de perspectivas e soluções que podem ser geradas. O ambiente acadêmico oferece uma oportunidade única de integrar diferentes disciplinas — como Design, Antropologia, Sustentabilidade e Tecnologia —, o que enriquece as propostas e potencializa a criatividade na resolução de problemas complexos. Ao colaborarem diretamente com a comunidade, esses alunos ganham uma experiência prática, desenvolvem habilidades de escuta ativa e empatia, e se tornam agentes transformadores que levam o design para além do campo teórico.

Além dos alunos, a instituição AMACE RJ foi selecionada como ator chave por seu impacto significativo na comunidade. Fundada em 2003 pelo artista circense Renner Avillis (Palhaço Xulipa), a AMACE RJ atua como um centro de arte, cultura e esportes, oferecendo cursos nas mais diversas áreas, como circo, teatro, cinema, dança e esportes. Com uma atuação ampla, a organização promove eventos culturais e sociais que envolvem mais de 1 mil pessoas por ano. O projeto social “Conex-ações” tem como foco principal o uso da arte e da cultura como instrumentos de transformação social, o que está alinhado com os princípios do design prospectivo (Figura 1).



Fonte: site AMACERJ.ORG.
Figura 1. Projeto AMACE RJ.

A AMACE RJ, além de sua atuação cultural, destaca-se por sua capacidade de envolver pessoas de todas as idades e classes sociais, ampliando o alcance de seus projetos e contribuindo para a inclusão social. Sua expertise prática e conexão direta com a comunidade local são fundamentais para garantir que os cenários

futuros propostos sejam enraizados nas realidades e necessidades da periferia. A colaboração entre os alunos da disciplina extensionista e a AMACE RJ resulta em um processo de construção de cenários futuros mais rico, diversificado e relevante, capaz de refletir tanto as aspirações da comunidade quanto as inovações trazidas pelo design social.

Cenário

As periferias urbanas do Rio de Janeiro são marcadas por profundas desigualdades sociais, econômicas e culturais, sendo espaços que refletem as contradições do desenvolvimento urbano. Bairros como Praça Seca e Madureira, situados na Zona Norte da cidade, são exemplos dessa realidade. Enquanto Madureira tem um histórico de efervescência cultural e resistência comunitária, sendo conhecido como um dos polos do samba e da cultura negra, Praça Seca enfrenta desafios complexos relacionados à violência urbana, à precarização dos serviços públicos e à marginalização social.

De acordo com Abramo (2012), as periferias das grandes cidades são espaços de exclusão, mas também de resistência e inovação, onde surgem práticas sociais alternativas e criativas. Nesse contexto, o design social assume um papel crucial, ao atuar como mediador e facilitador de transformações que buscam não apenas soluções estéticas ou funcionais, mas mudanças sociais significativas (Manzini, 2015).

A atuação da AMACE RJ em Praça Seca, por meio de projetos que envolvem arte, cultura e esportes, é um exemplo concreto de como o design social pode ser mobilizado para promover a inclusão social e a capacitação comunitária. A ONG oferece cursos e atividades que não apenas proporcionam entretenimento ou lazer, mas também criam oportunidades de formação profissional e desenvolvimento pessoal, especialmente para jovens em situação de vulnerabilidade. Essa abordagem está alinhada com a ideia de “design orientado para a mudança social”, conforme destacado por Margolin (2002), que afirma que o design deve buscar empoderar comunidades marginalizadas, oferecendo ferramentas para que possam se desenvolver de maneira autônoma.

Madureira, onde se localiza a instituição de ensino que promove este projeto de extensão, tem uma tradição de protagonismo cultural. A conexão entre esse território e Praça Seca cria um eixo de ação que transcende a lógica acadêmica e se insere diretamente na dinâmica social local, ampliando o impacto das intervenções de design. Segundo Lima (2016), o design nas periferias deve atuar como um catalisador de diálogos entre diferentes grupos sociais, promovendo a criação conjunta de soluções que respondam às necessidades e desejos locais.

O contexto dessas duas áreas — Madureira, com seu potencial cultural, e Praça Seca, com seus desafios sociais — oferece um terreno fértil para a construção de cenários futuros que envolvem a participação ativa da comunidade. Por meio do design prospectivo e da colaboração entre os estudantes e a ONG, é possível desenvolver intervenções que contribuam para a transformação social e cultural dessas periferias, criando um futuro mais inclusivo e sustentável.

Proposta de metodologia

A metodologia desenvolvida para este estudo foi elaborada a partir de uma abordagem teórico-prática que incluiu uma revisão bibliográfica sobre design prospectivo e futurologia, bem como entrevistas com Renner Avillis, idealizador da AMACE RJ, e visitas à unidade localizada em Praça Seca, na periferia do Rio de Janeiro. Essas etapas foram fundamentais para compreender as demandas e as especificidades da comunidade local, permitindo uma troca direta com os participantes e promovendo uma aproximação entre a teoria acadêmica e as realidades sociais do território.

As visitas ao local e as entrevistas possibilitaram identificar as necessidades mais urgentes da comunidade atendida pela ONG, como a criação de oportunidades para jovens, a promoção da inclusão social e a valorização da cultura local. A troca de experiências e a observação *in loco* proporcionaram uma base sólida para a formulação de uma metodologia capaz de responder de maneira prática e contextualizada aos desafios futuros dessa região.

A proposta metodológica, então, foi estruturada em três etapas principais, subdivididas em oito passos. A seguir, cada etapa é detalhada com exemplos concretos que ilustram como os passos seriam realizados na prática.

1. Exploração

- **Escaneamento do horizonte:** identificação dos principais fatores externos, como tendências sociais, econômicas e culturais, além de eventos e incertezas que possam influenciar o futuro da comunidade.
 - **Exemplo prático:** realizar uma análise PESTEL para mapear tendências como o impacto da digitalização no acesso à educação, mudanças nas políticas públicas para cultura e os efeitos do aquecimento global nas periferias urbanas.
- **Determinação das forças motrizes:** identificação das megatendências que afetam, de forma ampla e significativa, os aspectos sociais, econômicos, políticos e tecnológicos. A imagem a seguir (Figura 2) exemplifica as megatendências propostas pelo Copenhagen Institute for Futures Studies (CIFS), que analisa 15 megatendências para o mundo, que consideram a única certeza relativa no mundo imprevisível de hoje. São divididas em quatro categorias: “Mundo”; “Pessoas & Sociedade”; “Tecnologia & Ciência”; e “Economia”.

2. Descoberta

- **Captação de sinais:** a análise de indicadores e evidências atuais permite captar sinais que possam antecipar mudanças futuras. A participação da comunidade e de outros atores locais é essencial.
 - **Exemplo prático:** organizar oficinas com jovens e adultos da comunidade para explorar suas percepções sobre o futuro e mapear sinais de transformação, como o surgimento de iniciativas artísticas independentes ou empreendimentos sustentáveis.



Fonte: CIFS (2022).

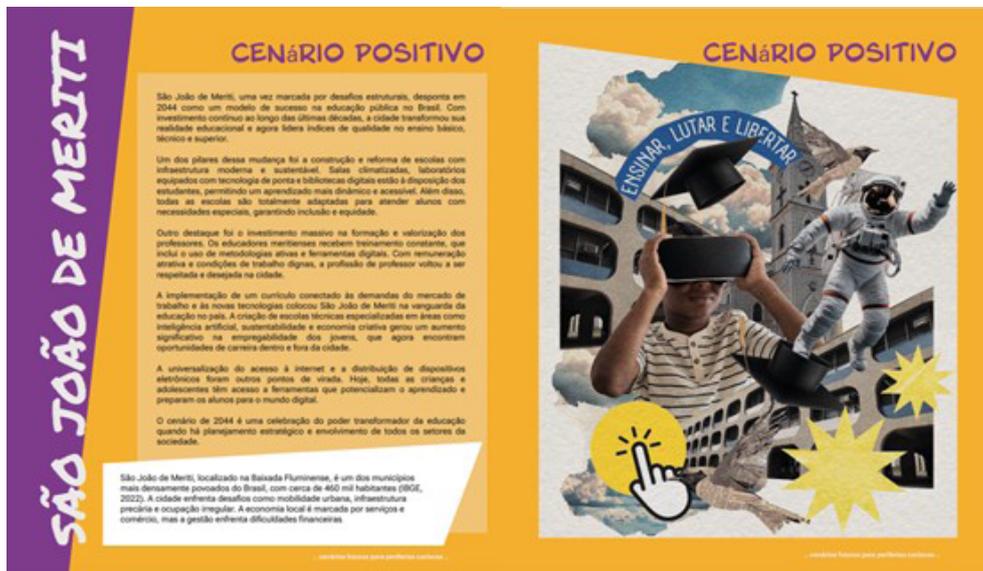
Figura 2. Megatendências propostas pelo Copenhagen Institute for Futures Studies.

- **Identificação de fatores de importância e incertezas:** após a captação de sinais, os fatores são classificados de acordo com seu impacto potencial e o nível de incerteza.
 - **Exemplo prático:** utilizar mapas de impacto/incerteza para priorizar questões como a instabilidade econômica e as mudanças climáticas, destacadas durante as entrevistas como preocupações centrais para o futuro da comunidade.

3. Construção

- **Determinação dos eixos norteadores:** dois eixos principais representam as maiores incertezas e polarizam as direções possíveis para o futuro da comunidade.
 - **Exemplo prático:** definir eixos como “políticas públicas para cultura (fortes x frágeis)” e “adoção de práticas sustentáveis (alta x baixa)” para estruturar os cenários.
- **Detalhamento dos quatro cenários:** com base nos eixos definidos, são criados quatro cenários que representam combinações dessas polaridades.
 - **Exemplo prático:** um cenário otimista poderia incluir políticas públicas fortalecidas e alta adoção de práticas sustentáveis, enquanto um cenário pessimista apresentaria uma redução no apoio público e pouca preocupação com sustentabilidade.
- **Seleção do cenário de comando:** entre os quatro cenários, é identificado o mais ocasional e o que deve ser evitado.
 - **Exemplo prático:** trabalhar em conjunto com a comunidade para identificar o cenário mais desejado (como o fortalecimento de iniciativas culturais com sustentabilidade) e planejar estratégias para evitá-lo, caso ocorra.
- **Visualização dos cenários:** os cenários são apresentados por meio de narrativas e representações gráficas.

- **Exemplo prático:** produzir imagens ilustrativas ou vídeos curtos que representem uma história narrativa de cada cenário, facilitando a comunicação das possibilidades futuras durante eventos comunitários e apresentações acadêmicas, como o exemplo da Figura 3, desenvolvido em um exercício de Futurologia para periferias do Rio de Janeiro.



Fonte: acervo pessoal (2024).

Figura 3. Exemplo de visualização de cenário positivo.

A escolha dessa metodologia foi justificada por sua capacidade de combinar uma perspectiva teórica robusta com *insights* práticos adquiridos no campo, permitindo a construção de cenários futuros que refletem tanto as aspirações da comunidade quanto as tendências e incertezas externas. A colaboração com a ONG AMACE RJ foi essencial para garantir que os cenários desenvolvidos não fossem meramente especulativos, mas enraizados na realidade concreta e nas demandas locais.

Essa metodologia proporciona uma abordagem integrada e participativa, envolvendo tanto os alunos de Design quanto os membros da comunidade em um processo de co-criação de futuros possíveis, baseados em megatendências, fatores sociais e culturais locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo destaca a importância de integrar abordagens prospectivas ao contexto social das periferias urbanas, considerando que a construção de cenários futuros é um processo complexo e iterativo, que exige a participação de diversos atores e a utilização de diferentes ferramentas. Neste artigo, buscou-se propor uma metodologia aplicável às periferias do Rio de Janeiro, especificamente às regiões de Praça Seca e Madureira, visando não apenas ao desenvolvimento de uma visão de futuro mais inclusiva, mas também ao envolvimento direto das comunidades locais em processos de planejamento.

A metodologia apresentada oferece um *framework* para a construção de cenários futuros de forma sistemática e rigorosa, podendo ser adaptada e aplicada em diversos contextos. Ela combina conceitos de design prospectivo e futurologia com

a realidade social e cultural de comunidades periféricas, unindo teoria e prática em uma abordagem colaborativa. A utilização de ferramentas como entrevistas, análise de tendências e captação de sinais emergentes foi crucial para captar as necessidades reais dos moradores dessas regiões e suas aspirações para o futuro. Com isso, o estudo buscou criar uma ponte entre o conhecimento acadêmico e a realidade vivida pelas comunidades, respeitando as especificidades de cada localidade.

A participação ativa dos atores locais foi um ponto central na execução dessa metodologia. Ao envolver os moradores, líderes comunitários e organizações como a AMACE RJ no processo de construção de cenários, foi possível dar voz a essas populações, que frequentemente não são incluídas nos debates sobre o futuro da cidade. A AMACE RJ, particularmente, com sua atuação focada na educação e na capacitação de jovens por meio das artes circenses, foi um exemplo de como as organizações locais podem contribuir para a formação de futuros alternativos. O impacto social desse tipo de envolvimento é imensurável, pois, ao permitir que a própria comunidade construa sua visão de futuro, a probabilidade de implementação de políticas e projetos mais adequados às suas necessidades é muito maior.

Além disso, a contribuição dos alunos de Design que participaram do projeto de extensão foi fundamental. Projetos de extensão universitária desempenham um papel crucial na formação dos estudantes, pois proporcionam a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos em sala de aula em situações reais, ao mesmo tempo em que criam uma troca enriquecedora entre a universidade e a sociedade. A experiência prática em campo, aliada ao contato direto com a comunidade e seus desafios, amplia a visão dos estudantes sobre o papel social do design, mostrando que o design pode ser uma ferramenta poderosa de transformação social.

A metodologia desenvolvida aqui, ao integrar os estudantes no processo, permite que eles se tornem agentes de mudança em suas próprias práticas profissionais futuras. Isso é particularmente relevante quando consideramos que o papel do designer na contemporaneidade vai além da criação de produtos e serviços estéticos ou funcionais. O designer do futuro precisa atuar como facilitador, mediador e cocriador, colaborando com outros atores sociais para encontrar soluções criativas e sustentáveis para problemas complexos. Nesse contexto, a formação extensionista é um componente essencial do ensino superior, pois possibilita o desenvolvimento de habilidades como empatia, adaptabilidade e pensamento crítico, que são indispensáveis para enfrentar os desafios do futuro.

No âmbito do projeto de extensão, foi também essencial a utilização de ferramentas interativas e participativas, como oficinas e dinâmicas colaborativas, para a construção de cenários futuros. Essas ferramentas permitiram a inclusão ativa da comunidade no processo, fortalecendo o senso de pertencimento e garantindo que as visões de futuro desenvolvidas fossem representativas das reais aspirações dos moradores de Praça Seca e Madureira. Ao explorar possíveis futuros em conjunto com a comunidade, foi possível identificar oportunidades para o desenvolvimento local, assim como antecipar desafios que poderão surgir nas próximas décadas. Além disso, o processo permitiu aos participantes compreender como suas escolhas no presente impactam o futuro, promovendo uma mentalidade mais consciente e responsável.

Outro aspecto relevante da metodologia foi a captação de sinais emergentes e tendências que possam influenciar as periferias urbanas no futuro. As periferias, muitas vezes vistas apenas sob a ótica da marginalização, também são espaços dinâmicos de inovação social e cultural. Compreender essas dinâmicas foi crucial para a criação de cenários futuros mais realistas e alinhados com as possibilidades de transformação das periferias. Além disso, a análise de tendências globais, como as mudanças climáticas, a digitalização e a automação, ajudou a situar esses cenários dentro de um contexto mais amplo, sem perder de vista as particularidades locais.

A importância da sustentabilidade também foi um dos pontos abordados ao longo deste trabalho. Cenários futuros devem ser sustentáveis, tanto do ponto de vista ambiental quanto social, e o envolvimento da comunidade no processo de construção desses cenários é fundamental para garantir que o desenvolvimento ocorra de maneira equilibrada e inclusiva. Ao trabalhar com uma ONG como a AMACE RJ, que já tem um forte compromisso com a sustentabilidade social por meio de seus projetos de capacitação, foi possível alinhar as visões de futuro com a promoção da autonomia e da pluralidade de ferramentas para os jovens das periferias.

Os resultados deste estudo indicam que a metodologia aplicada pode ser replicada em outras regiões periféricas, adaptando-se às realidades locais e ampliando o impacto social. A construção de futuros alternativos é uma tarefa que demanda tempo, reflexão e colaboração entre os diversos atores envolvidos, mas é também uma oportunidade para repensar o papel das cidades, das comunidades e das universidades no desenvolvimento de uma sociedade mais justa e inclusiva. Além disso, este artigo representa apenas a primeira etapa do projeto de extensão, focada na fundamentação teórica e no desenvolvimento metodológico para a construção de cenários futuros. A próxima fase do projeto envolverá a aplicação prática dessas diretrizes, com a construção efetiva dos cenários para a economia criativa nas periferias do Rio de Janeiro. Esse processo culminará em um resultado visual, com a produção de imagens que representarão esses cenários futuros, os quais serão divulgados em uma revista digital, contribuindo para ampliar o alcance e a discussão sobre o papel do design prospectivo na transformação social.

Finalmente, este trabalho reforça a importância de inserir a futurologia e o design prospectivo no campo das políticas públicas. Governos e instituições podem se beneficiar da aplicação de metodologias participativas de construção de cenários, especialmente em áreas urbanas vulneráveis. Quando as comunidades são envolvidas no planejamento do futuro, não apenas suas necessidades são mais bem atendidas, mas também se cria um senso de responsabilidade coletiva que pode catalisar mudanças sociais significativas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Pedro. A cidade das periferias. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 14, n. 1, p. 41-55, 2012.
- BISHOP, Peter; HINES, Andrew. *Teaching about the Future*. Springer, 2012.
- BONSIEPE, Gui. *Design e Democracia*. São Paulo: Blucher, 2012.
- BUARQUE, Cristovam. *A Segunda Abolição: A Construção de uma Nova Civilização*. São Paulo: Garamond, 2003.

- CHRISPINO, Alvaro. Os cenários futuros como consenso social: do contrato social ao universo educacional. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 82, n. 200-01-02, 2001.
- CROSS, Nigel. **Design thinking**: understanding how designers think and work. Oxford: Berg Publishers, 2011.
- DEHEINZELIN, Lala. **Desejável Mundo Novo**. São Paulo: Editora dos Autores, 2012.
- FLORIDA, Richard. **The rise of the creative class**. Nova York: Basic Books, 2012.
- GLOBAL FUTURES STUDIES & RESEARCH. **The Millennium Project**. s.d. Disponível em: <https://millennium-project.org/>. Acesso em: 03 ago. 2024.
- GODET, Michel. **From anticipation to action**: a handbook of strategic prospective. UNESCO, 1993.
- HAMEL, Gary; PRAHALAD, C. K. Competing for the future. *Harvard Business Review*, v. 72, n. 4, p. 122-128, 1994.
- HOWKINS, John. **The Creative Economy**: how people make money from ideas. Londres: Penguin, 2001.
- KRISTÓF, Tamás; NOVÁKY, Erzsébet. The History of Futures Studies: a century of evolution and development. *Futures*, v. 140, p. 1-12, 2023.
- LIMA, Marta. Design nas periferias: construção coletiva e inovação social. *Revista Estudos em Design*, v. 24, n. 2, p. 121-136, 2016.
- MANZINI, Ezio. **Design, When Everybody Designs**: An Introduction to Design for Social Innovation. Cambridge: MIT Press, 2015.
- MARGOLIN, Victor. **The Politics of the Artificial**: Essays on Design and Design Studies. University of Chicago Press, 2002.
- POLACINSKI, Édio; SCHENATTO, Fernando José Avancini; DE ABREU, Aline França. Evolução dos estudos do futuro: resgate histórico. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**, XXIX, 2009, Salvador.
- RAND CORPORATION. **About RAND**. Disponível em: <https://www.rand.org/about.html>. Acesso em 10 ago. 2024.
- SCHWARTZ, Peter. **The art of the long view**: planning for the future in an uncertain world. Nova York: Doubleday, 1996.
- SILVA, Rosana. Inovação nas Periferias: O Potencial Criativo das Favelas do Rio. *Revista Brasileira de Economia Criativa*, v. 5, n. 2, p. 45-62, 2019.
- WDO - WORLD DESIGN ORGANIZATION. **Definition of Industrial Design**. WDO, 2018. Disponível em: <https://wdo.org/about/definition/>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- WFSF - WORLD FUTURES STUDIES FEDERATION. **What is Futures Studies?**. s.d. Disponível em: <https://wfsf.org/about-futures-studies/>. Acesso em: 1º set. 2024.

Sobre a autora

Paola de Lima Vichy: Doutora em Design pela Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Esdi/UERJ).

Conflito de interesses: nada a declarar – **Fonte de financiamento**: Pesquisa Produtividade Universidade Estácio de Sá.

